



# SE IGNORARMOS A HISTÓRIA ESTAMOS CONDENADOS A REPETI-LA

Reescrever a História foi o que o Parlamento Europeu fez com a aprovação de uma resolução, em Setembro passado, que equipara os regimes fascistas ao comunismo, condenando as atrocidades cometidas por «ambos os regimes totalitários». Para a maioria do PE – na qual se incluem os votos dos deputados portugueses do PS, PSD, CDS e PAN – os SS de Auschwitz são iguais às tropas do exército vermelho que libertaram os detidos do campo de concentração.

No momento em que alguns países europeus, membros da UE, como a Polónia, a Letónia, a Lituânia e a Estónia, se restaura o fascismo e se promove a xenofobia e o racismo, o PE parece querer incentivar os estados-membros à proibição dos partidos comunistas e outras forças democráticas. A extrema-direita está a ganhar terreno na Europa, entrando em muitos parlamentos nacionais, como em Portugal, embora com uma expressão menor. Na vizinha Espanha, nas legislativas de 10 de Novembro passado, o Vox mais do que duplicou a sua representação e conta agora com 52 deputados, passando a terceira força política.

Uma velha piada latino-americana pergunta por que razão nunca há golpes de Estado nos Estados Unidos da América.

A resposta é que lá não há embaixada dos EUA. A piada nunca foi tão actual face à explosão em todo o Mundo de conflitos e ao recrudescimento de outros, que levam à queda de governos progressistas e à tentativa de impor a agenda neoliberal do FMI.

Na Bolívia, um movimento que se iniciou com a exigência de uma segunda volta nas eleições presidenciais de 20 de Outubro, acabou com a renúncia forçada e posterior exílio do presidente eleito Evo Morales.

Em três semanas, a oposição levou a cabo um golpe de Estado contra um presidente de origem indígena que tinha, em 14 anos de governo, alcançado bons índices económicos e sociais e, consequentemente, tirado o país da miséria, do analfabetismo, do desemprego, da ausência de estruturas para a saúde e a educação. Os crimes de Evo Morales não são uma alegada fraude eleitoral, declarada pelos aliados dos EUA na Organização dos Estados Americanos, e nunca provada, mas o facto de ter colocado na sociedade a voz dos 60% de indígenas que vivem e trabalham na Bolívia.

Evo saiu de cena, segundo disse, «para que os meus irmãos e irmãs, autoridades do

Movimento ao Socialismo (MAS), não sejam fustigados, perseguidos, ameaçados», num país rico em lítio e onde tinha redistribuído a riqueza com a nacionalização do gás e o aumento dos impostos sobre as indústrias de hidrocarbonetos. Não conseguiu!

A senadora de direita Jeanine Áñez autoproclamou-se presidente interina da Bolívia sem o apoio dos dois terços dos deputados e senadores. A líder de um partido que elegeu só quatro deputados manda hoje no país com o apoio do exército, dos EUA e da União Europeia. As manifestações contra o golpe são diárias e fortemente reprimidas, tendo já feito mais de três dezenas de mortos.

Apesar do golpe de Estado e da violência, o governo português, tão solícito em apontar violações de direitos humanos em outras latitudes, tem mantido um cúmplice silêncio.

A mesma mudez que lhe tem provocado as violentas repressões que sofrem os muitos milhões de manifestantes que têm saído às ruas do Chile e Colômbia contra as políticas neoliberais e os seus governos de direita.

Impedir o crescimento da extrema-direita só se consegue se os governos nacionais perseguirem políticas que dêem resposta às necessidades e aspirações das populações. E só com a luta dos povos se conseguirá. Se ignorarmos a história estamos condenados a repeti-la.

*Luísa Tito de Morais*

## **PRESERVAR A MEMÓRIA DA RESISTÊNCIA** - págs. 4 e 5

Na luta pela memória do fascismo e da resistência, a URAP bate-se pela concretização dos museus em Peniche e no Porto e combate a intenção de transformar Santa Comba Dão num ponto de romagem de saudosistas da ditadura.

## **ORIENTAÇÕES PARA O REFORÇO ORGÂNICO** - págs. 2 e 3

## **VEM E VÊ NOS 80 ANOS DA II GUERRA MUNDIAL** - pág. 7

Por ocasião dos 80 anos do início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) abordamos o filme *Vem e Vê*, provavelmente o mais brutal relativo àquele que foi o mais terrível conflito militar da História.

## A MORTE E O INFERNO: VEM E VÊ (1985)

De entre os filmes sobre a Segunda Guerra Mundial e a luta contra o nazi-fascismo, *Vem e Vê* (Idi i smotri, 1985) talvez seja o mais brutal. O seu propósito parece ser mesmo o de confrontar o espectador com o horror tenebroso da guerra — e desta guerra, em particular. O Goskino, o Comité Estatal Soviético para o Cinema, recusou inicialmente o projecto por razões estéticas, sugerindo alterações. Mas o seu realismo sujo foi aceite em 1984, antes da sorrateira Glasnost, sem que a ideia original do realizador Elem Klimov fosse alterada ou comprometida. Este processo intrincado demonstra a dificuldade em lidar com a realidade da guerra, mesmo na URSS, que tinha sofrido mais baixas do que os EUA e o Reino Unido combinados entre 1939 e 1945. Esta obra é um murro no estômago, porque nos ensina que a guerra pode ter heróis, mas não é heróica. Aclamado pela crítica, *Vem e Vê* venceu o 14.º Festival de Moscovo e foi a escolha soviética para a nomeação ao Óscar de Melhor Filme Estrangeiro.

O livro documental de Ales Adamovich, Janka Bryl, e Vladimir Kolesnik sobre a ocupação da Bielorrússia e a dizimação das populações de 628 vilas serviu de base. A besta nazi-fascista surge aqui em toda a sua fúria. Adamovich, que escreveu o argumento com Klimov, tinha sido partisan soviético no território bielorrusso. A narrativa descreve a iniciação de um rapaz, Florya (Aleksey Kravchenko), à violência devastadora da guerra, desde o momento em que encontra uma espingarda semi-automática numa trincheira até se juntar, determinado, à resistência armada. Densamente autêntico, este drama de guerra foi rodado na Bielorrússia, com gente local.

O título era para ter sido algo como *Mata Hitler*, em português. A cena que o justifica é aquela em que Florya dispara a



espingarda contra um cartaz enquadrado de Hitler numa poça de água lamacenta. Os tiros são entrecruzados com imagens de arquivo da aclamação do líder nazi, do extermínio, do desespero, e também do recuo da guerra através da inversão do movimento das imagens de destruição das cidades e das frentes militares. O título que acabou por ficar vem do *Livro do Apocalipse* (6,7). O mesmo capítulo do livro bíblico fala da morte como um cavaleiro e do inferno que ele semeia. Ele mata pelas armas, pela fome, e pela pestilência. O filme assemelha-se, portanto, a um convite a ver as atrocidades cometidas pelo nazi-fascismo. Vem e vê. A partir do

instante em que as bombas começam a cair, a angústia torna-se constante. Vê-se o medo nos olhos e nos gestos, o pranto convulso, os gritos lancinantes, a força humilhante, o fogo exterminador, a terra ensopada de sangue. É por ver tudo isso, a demência da guerra, que Florya envelhece aos nossos olhos.

Eis um filme que urge mostrar e discutir, num tempo em que um revisionismo espúrio tem tentado, através de meios políticos e ideológicos, fazer equivaler o nazismo ao comunismo. *Vem e Vê* é uma peça expressiva e contundente de alerta para a necessidade de construirmos a paz, porque põe à vista a desumanidade da guerra.

**Sérgio Dias Branco**

Professor Auxiliar de Estudos Fílmicos. Universidade de Coimbra